Caderno de Leituras n.170 | 2023

# Nós somos vulcões

**Ursula K. Le Guin**

Tradução Cacau Araujo

## Nota

Este texto foi apresentado por Ursula K. Le Guin em maio de 1986, no Bryn Mawr College, na Pensilvânia (EUA), com o título de “We are vulcanoes”. A versão em inglês está disponível em: https://speakola.com/grad/ursula-le-guin-we-are-volcanoes-bryn-mawr-1986

Esta tradução foi feita para integrar o material de referência das oficinas de leitura e escrita “línguamãe: literatura e maternidade”, ministradas por Cacau Araujo e Gabriela do Amaral, entre 2021 e 2022. Para esta publicação, a tradução foi revista por Cecília Rocha, e novamente trabalhada por Cacau Araujo.

Pensar sobre o que eu deveria dizer a vocês me fez refletir sobre o que aprendemos na faculdade; e sobre o que desaprendemos na faculdade; e então como aprendemos a desaprender o que aprendemos na faculdade e a reaprender o que desaprendemos na faculdade, e por aí vai. E então pensei sobre como eu aprendi, mais ou menos bem, três línguas, todas elas inglês; e como uma dessas línguas foi a que fui à faculdade para aprender. Eu achava que ia estudar francês e italiano, e estudei, mas o que aprendi foi a língua do poder — do poder social; eu a chamarei de língua paterna.

Ela é o discurso público, e um de seus dialetos é a fala dos políticos, dos oradores de formaturas ou do homem velho que costumava acordar cedo em um vilarejo no centro da Califórnia, há algumas centenas de anos, e dizer alto coisas do tipo "As pessoas precisam acordar agora, temos muito o que fazer, os consertos nas tendas de suor não foram terminados e as ervas de alcatrão já estão com sementes em Bald Hill; esta é a hora do dia para fazer as coisas, e haverá muito tempo para não fazer nada quando esquentar à tarde". Então todo mundo se levantaria reclamando um pouco, algumas pessoas iriam colher as ervas de alcatrão, provavelmente as mulheres. Idealmente, este é o efeito do discurso público. Ele faz algo acontecer, faz alguém — geralmente uma outra pessoa — fazer algo, ou pelo menos gratifica o ego de quem fala.

A diferença entre nossa política e a do povo nativo da Califórnia é clara no estilo do discurso público. A diferença não era clara para os brancos invasores, que insistiam em chamar de "chefe" qualquer indígena que fazia um discurso, porque eles não conseguiam entender, não podiam admitir uma autoridade sem supremacia — uma autoridade não dominante. Mas esse é o tipo de autoridade que tenho pelo breve — esperamos que suficientemente breve — período em que falo a vocês. Não tenho o direito de falar para vocês. O que tenho é a responsabilidade que vocês me deram de falar para vocês.

A língua política fala em voz alta — e vejam como o rádio e a televisão trouxeram a linguagem da política de volta ao lugar a que ela pertence —, mas o dialeto da língua paterna, que você e eu aprendemos melhor na faculdade, é escrito. Ele não fala por si só. Ele apenas dá palestras. Ele começou a se desenvolver quando a impressão tornou a linguagem escrita, até então rara, em algo comum, há uns quinhentos anos. Com o processamento eletrônico e as cópias, ele continuou a se desenvolver e proliferar de forma tão poderosa, tão dominante, que muitos acreditam que este dialeto — o discurso expositivo e, especificamente, o científico — é a forma mais elevada da língua, é a língua verdadeira, da qual todos os outros usos das palavras são vestígios primitivos.

De fato, ele é um dialeto excelente. O Princípio de Newton foi escrito nele em latim, Descartes escreveu nele em latim e francês, estabelecendo parte de seu vocabulário básico, Kant escreveu nele em alemão, e Marx, Darwin, Freud, Boas, Foucault — todos os grandes cientistas e pensadores sociais escreveram nele. Ele é a língua do pensamento que busca objetividade.

Não digo que é a língua do pensamento racional. A razão é uma faculdade bem maior do que o pensamento objetivo. Quando tanto o discurso político quanto o científico se anunciam como a voz da razão, eles estão brincando de Deus, e deveriam apanhar e ficar de castigo. O gesto essencial da língua paterna não é o raciocínio, mas o distanciamento — ela cria

uma lacuna, um espaço, entre o sujeito, ou o eu, e o objeto, ou o outro. Uma energia enorme é gerada por essa separação, essa lacuna forçada entre o Homem e o Mundo. Assim, o crescimento contínuo da tecnologia e da ciência alimenta a si mesmo; a Revolução Industrial começou separando o mundo-átomo, e, ao quebrar o continuum em partes desiguais, ainda mantemos o desequilíbrio do qual nossa sociedade extrai o poder que possibilita a dominação de todas as outras culturas, de modo que agora, em todo lugar, todos falam a mesma língua em laboratórios e prédios governamentais e escritórios, e aqueles que não a sabem, ou não a querem falar, ficam em silêncio, ou são silenciados, ou não são ouvidos.

Vocês vieram para a faculdade para aprender a língua do poder — para serem empoderadas. Se quiserem ter sucesso nos negócios, nos governos, no direito, na engenharia, na ciência, na educação, na mídia, se quiserem ter êxito, vocês precisam ser fluentes na língua em que "sucesso" é uma palavra significativa.

Homens brancos falam uma língua bifurcada; homens brancos falam em dicotomia. A língua deles expressa os valores de um mundo dividido, que valoriza o positivo e desvaloriza o negativo em cada subdivisão: sujeito/objeto, eu/outro, mente/corpo, dominante/submisso, ativo/passivo, homem/natureza, homem/mulher e assim por diante. A língua paterna é falada de cima. Tem uma só via. Nenhuma resposta é esperada ou ouvida.

Em nossa Constituição e nas obras de direito, filosofia, pensamento social e ciência, e em usos cotidianos a serviço da justiça e da clareza, o que eu chamo de língua paterna é imensamente nobre e indispensavelmente útil. Quando reivindica uma relação privilegiada com a realidade, ela se torna perigosa e potencialmente destrutiva. Seus falantes descrevem com uma precisão primorosa a destruição contínua dos ecossistemas do planeta. Esta palavra do vocabulário da língua paterna, "ecossistema", é uma palavra desnecessária exceto num discurso que exclui os falantes

do ecossistema, numa dicotomia entre sujeito/objeto de uma irresponsabilidade terminal.

A língua dos pais, dos Homens Ascendentes, dos Homens Conquistadores, dos Homens Civilizados, não é nossa língua nativa. Não é a língua nativa de ninguém. Vocês nem mesmo ouviram a língua paterna em seus primeiros anos de vida, exceto no rádio ou na TV, e naquela época vocês não escutaram, nem os irmãozinhos de vocês, porque era o blá-blá-blá de um político velho, com pelos saindo do nariz. Vocês e seus irmãos tinham coisas melhores para fazer. Vocês tinham outro tipo de poder para aprender. Vocês estavam aprendendo a língua materna.

Usando a língua paterna, só posso falar da língua materna para, inevitavelmente, distanciá-la — para excluí-la. Ela é o outro, inferior. Ela é primitiva: imprecisa, pouco clara, grosseira, limitada, trivial, banal. Ela é repetitiva, a mesma coisa de novo e de novo, como o trabalho chamado de trabalho feminino; preso à terra, preso à casa. É vulgar, a língua vulgar, comum, a fala comum, coloquial, baixa, ordinária, plebeia, como o trabalho que pessoas ordinárias fazem, as vidas que pessoas comuns vivem. A língua materna, falada ou escrita, espera uma resposta. É conversa, a palavra cuja raiz significa "virar junto". A língua materna é a linguagem não como mera comunicação, mas como relação, relacionamento. Ela conecta. Ela tem dois sentidos, muitos sentidos, uma troca, uma rede. Seu poder não está em dividir, mas em ligar, não em distanciar, mas em unir. Ela é escrita, mas não por escribas e secretários para a posteridade: ela voa da boca no sopro que é a nossa vida e se vai, como a expiração; desaparece completamente, e ainda assim retorna, repetida, a respiração de novo, sempre, em todos os lugares, e todos nós a conhecemos de cor.

João você pegou seu guarda-chuva acho que vai chover. Você pode vir brincar comigo? Se eu te disse uma vez, disse cem vezes. As coisas aqui não são as mesmas sem a mamãe, agora eu assino seu afetuoso irmão Tiago. Ah! O que eu vou fazer? Então eu disse para ela eu perguntei se ele

acha que ela vai apoiar isso mas aí tem a artrite dele tadinho e não tem trabalho. Eu amo você. Eu odeio você. Eu odeio fígado. Joana querida você deu comida para as ovelhas, não fique aí parada a manhã inteira. Diga-me o que eles disseram, diga-me o que você fez. Ah! Como meus pés estão doendo. Meu coração está em pedaços. Toque-me aqui, toque-me de novo. Gato escaldado tem medo de água fria. Você se parece com o que o gato trouxe para dentro de casa. Que noite linda. Bom dia, olá, adeus, tenha um bom dia, obrigada. Vai se ferrar, seu traidor mentiroso. Passa o shoyu, por favor. Merda. É o doce da vovó, querida? O que eu vou dizer para ela? Pronto pronto não chore. Vá dormir agora, vá dormir... Não vá dormir!

Essa é uma língua sempre à beira do silêncio e, muitas vezes, à beira da canção. Essa é a língua em que as histórias são contadas. É a língua falada por todas as crianças e pela maioria das mulheres, e por isso a chamo de língua materna, porque a aprendemos com nossas mães e a falamos com nossos filhos. Estou tentando usá-la aqui, em público, onde ela não é apropriada, não é adequada à ocasião, mas quero falar com vocês nela porque somos mulheres, e não posso dizer o que quero dizer sobre mulheres na língua do Homem com H maiúsculo. Se eu tentasse ser objetiva, diria: "Isso é superior e aquilo é inferior", faria um discurso de formatura sobre ser bem-sucedida na batalha da vida, mentiria para vocês, e eu não quero.

No começo da primavera, conheci uma musicista, a compositora Pauline Oliveros, uma mulher linda como uma rocha cinzenta no leito de um rio; e, para nosso grupo de mulheres, que estava começando a brigar a respeito de teorias numa língua abstrata e objetiva — e eu, com meu esplêndido treinamento na língua paterna, conquistado na universidade para mulheres ocidentais, estava bem no meio da briga e partindo para cima —, Pauline, que é econômica nas palavras, disse depois de limpar a garganta: "Ofereçam sua experiência como sua verdade." Houve um breve silêncio. Quando começamos a falar novamente, não falávamos

objetivamente e não brigávamos. Voltamos a sentir nosso caminho para as ideias, usando todo o intelecto, não metade dele, conversando umas com as outras, o que envolve escutar. Tentamos oferecer nossas experiências umas às outras. Não reivindicamos alguma coisa: oferecemos alguma coisa.

Afinal, como uma experiência pode negar, anular, refutar outra experiência? Mesmo que eu tenha tido muito mais experiências, a sua é a sua verdade. Como alguém pode provar que outra pessoa está errada? Mesmo que você seja muito mais jovem e inteligente do que eu, meu ser é a minha verdade. Eu posso oferecê-la, você não precisa aceitá-la. As pessoas não podem se contradizer, só as palavras podem: palavras separadas da experiência para serem usadas como armas, palavras que fazem a ferida, a divisão entre sujeito e objeto, expondo e explorando o objeto, mas disfarçando e defendendo o sujeito.

As pessoas anseiam por objetividade porque ser subjetivo é estar encarnado, ser um corpo, vulnerável, violável. Homens, especialmente, não estão acostumados a isso; eles são treinados não para oferecer, mas para atacar. Geralmente, é mais fácil para as mulheres confiar umas nas outras, tentar falar de nossas experiências em nossa própria língua, uma língua em que conversamos umas com as outras, a língua materna; assim fortalecemos umas às outras.

Mas vocês e eu aprendemos a só usar a língua materna em casa, ou em segurança, entre amigas, e muitos homens aprendem a não falar essa língua nunca. Eles são ensinados que não há espaço seguro para eles. A partir da adolescência, eles falam entre si numa espécie de versão distorcida da língua paterna — placar de esportes, jargões de trabalho, jargões do sexo e política da TV. Em casa, com as mulheres e crianças falando na língua materna, eles respondem com um grunhido e se viram para assistir ao jogo. Eles se deixaram silenciar e sabem disso, vagamente, então se ressentem dos falantes da língua materna: mulheres balbuciam e tagarelam o tempo todo... Não consigo escutar essas coisas.

Nossas escolas e faculdades, instituições do patriarcado, geralmente nos ensinam a escutar as pessoas no poder, homens ou mulheres que falam a língua paterna; e, assim, nos ensinam a não escutar a língua materna, o que dizem os sem-poder, os homens pobres, as mulheres, as crianças: a não a escutar como um discurso válido.

Estou tentando desaprender essas lições, além de outras que me foram ensinadas pela sociedade, especialmente as lições sobre a mente, o trabalho, as obras e o ser das mulheres. Sou uma desaprendiz lenta. Mas amo minhas desprofessoras — as pensadoras e escritoras e faladoras e poetas e artistas e cantoras e críticas e amigas feministas, de Wollstonecraft a Woolf, até as fúrias e glórias dos anos 1970 e 1980 —, eu celebro aqui e agora as mulheres que por séculos trabalharam por nossa liberdade, as desprofessoras, as desmestras, as desconquistadoras, as desguerreiras, mulheres que, com risco e por um alto custo, ofereceram suas experiências como verdade. "Vamos NÃO elogiar mulheres famosas!" Virginia Woolf rabiscou em uma margem enquanto escrevia *Três guinéus*, e ela está certa, mas ainda assim tenho que elogiar essas mulheres e lhes agradecer por me liberarem, em minha velhice, para aprender a minha própria língua.

A terceira língua, minha língua nativa, que eu nunca saberei, embora tenha passado minha vida aprendendo: vou dizer agora algumas palavras nessa língua. Primeiro, um nome, apenas o nome de uma pessoa, vocês já o ouviram antes. Sojourner Truth. Esse nome é uma língua por si só. Mas Sojourner Truth falava a língua desaprendida; há cerca de cem anos, falando em um local público, ela disse: "Eu fui escravizada por quarenta anos e livre por quarenta anos, e ficaria aqui por mais quarenta anos para que todos tivessem direitos iguais." No fim de sua fala, ela disse: "Eu queria contar a vocês um pouco sobre o Direito das Mulheres, então vim e falei. Eu estou sentada entre vocês para observar; e, vez ou outra, virei avisar que já é tarde da noite." Ela disse: "Agora vou cantar um pouco. Não ouvi nenhum canto desde que cheguei aqui."

O canto é um dos nomes da língua que nunca aprendemos, e aqui, para Sojourner Truth, está uma pequena canção. Ela foi escrita por Joy Harjo, do povo Creek, e se chama “Um cobertor em volta dela”.

talvez seja seu nascimento
que ela guarde perto dela mesma
ou sua morte
que é igualmente inseparável
e o vento branco
que a envolve é uma parte
assim como
o céu azul
pendurado em turquesa em seu pescoço

ah, mulher
lembre-se de quem você é
mulher
é a terra inteira

Então, do que estou falando com essa “língua desaprendida” — poesia, literatura? Sim, mas podem ser discursos e ciência, qualquer uso da língua quando falada, escrita, lida, ouvida como arte, da mesma forma como a dança é o movimento do corpo como arte. Nas palavras de Sojourner Truth, vocês ouvem a união, o casamento do discurso público e da experiência privada, criando um poder, uma coisa bela, o verdadeiro discurso da razão. Esse é o casamento e a junção da consciência alienada, que estou chamando de língua paterna, e o engajamento indiferenciado ao qual chamo de língua materna. Este é o bebê dos dois, essa linguagem infantil, a língua que você pode passar a vida tentando aprender.

Aprendemos essa língua primeiro, como a língua materna, apenas ouvindo-a ou lendo-a; e, mesmo em nossas escolas públicas superlotadas

e com poucos recursos, ainda ensinam *Um conto de duas cidades* e *A cabana do pai Tomás*; e na faculdade vocês podem estudar literatura por quatro anos completos e até fazer cursos de escrita criativa. Mas tudo é ensinado como se fosse um dialeto da língua paterna.

A literatura toma forma e vida no corpo, no útero da língua materna: sempre. E os Pais da Cultura ficam preocupados com a paternidade. Eles começam a falar sobre legitimidade. Eles roubam o bebê. Eles garantem por todos os meios que o artista, o escritor, é um homem. Isso envolve o aborto intelectual de mulheres artistas há séculos, o infanticídio de obras de escritoras mulheres e todo um corpo médico de críticos esterilizadores que trabalham para purificar o Cânone, para reduzir o tema e o estilo da literatura a algo que Ernest Hemingway pudesse entender.

Mas essa é nossa língua nativa, essa é a língua que eles estão roubando: nós sabemos ler e escrever nela, e o que trazemos para ela é o que ela precisa, a língua da mulher, a terra e o sabor, a afinidade, a fala obscura da língua materna, mas que é clara como a luz do sol na poesia das mulheres, e em nossos romances e estórias, nossas cartas, nossos diários, nossos discursos. Se Sojourner Truth, escravizada por quarenta anos, sabia que ela tinha o direito de fazer aquele discurso, e vocês? Vocês vão se deixar silenciar? Vão escutar o que os homens lhes falam ou vão escutar o que as mulheres estão dizendo? Eu digo que o cânone foi perfurado e, enquanto os Eliots falam apenas com os Lowells, e os Lowells falam apenas com Deus, Denise Levertov vem caminhando, silenciosamente, para o oeste e fala com a gente.

Não há sabor
mais doce, mais salgado

do que se contentar em ser
o que, mulher,

e quem, eu mesma,
eu sou, uma sombra

que cresce à medida que o sol
se move, prolongando-se

em um fio de maravilhamento
se carrego fardos

eles começam a ser lembrados
como presentes, bens, uma cesta

de pão, que machuca
meus ombros, mas me envolve

em fragrância. Eu posso
comer enquanto caminho.

Assim como tenho usado a palavra "verdade" no sentido de "esforçar-se para não mentir", também uso as palavras "literatura", "arte", no sentido de "viver bem, viver com habilidade, graça, energia" — como carregar uma cesta de pães e cheirá-los e comê-los enquanto se caminha. Eu não me refiro apenas a certos produtos especiais, feitos por pessoas especialmente talentosas que vivem em quartos, estúdios e torres de marfim especialmente privilegiados — arte "superior"; estou falando também de todas as "artes inferiores", aquelas que os homens não querem. Por exemplo, a arte de deixar em ordem o lugar onde as pessoas vivem. Em nossa cultura, essa atividade não é considerada arte, não é considerada nem mesmo trabalho. "Você trabalha?" — e ela, que tinha parado de esfregar a cozinha e pegado o bebê para atender a porta, diz, "Não, eu não trabalho". As pessoas que cuidam da ordem do lugar onde

as pessoas vivem são estigmatizadas por isso, como se fossem inaptas para ocupações "superiores"; então são as mulheres que, majoritariamente, fazem esse trabalho, e, entre as mulheres, as pobres, sem educação formal e idosas, mais frequentemente do que ricas, escolarizadas e jovens. Ainda assim, muitas pessoas desejariam cuidar da casa, mas não podem, porque são pobres e não têm uma casa para cuidar, ou o tempo e o dinheiro necessários, ou mesmo a experiência de ter visto uma casa decente, um cômodo limpo, exceto na TV. A maioria dos homens é impedida de fazer trabalho doméstico por um intenso viés cultural; muitas mulheres contratam outra mulher para fazer esse trabalho para elas por medo ficarem presas a ele e acabarem como as mulheres que elas contratam, ou como aquela mulher que nós todas conhecemos, que foi tão pressionada pelo viés cultural que nem consegue se levantar, e rasteja pela casa esfregando e encerando e borrifando um produto antigermes nas crianças. Mas no fundo, no lugar onde eu e vocês nunca nos juntaremos a ela, até mesmo ela está realizando da melhor maneira que ela sabe uma arte grande, antiga, complexa e necessária. Que a nossa sociedade desvalorize essa atividade é evidência da barbárie, da falência estética e ética da nossa sociedade.

Assim como cuidar da casa é uma arte, cozinhar e tudo o que essa atividade envolve também é — ela envolve, afinal, agricultura, caça, pastoreio. E também a confecção de roupas e tudo o que ela envolve... E assim por diante; vejam como quero ressignificar a palavra "arte" para que, quando eu voltar a falar, como faço agora, sobre as palavras, seja no contexto das grandes artes da vida, da mulher levando a cesta de pão, carregando presentes e bens. A arte não apenas como um ato ejaculativo do ego, mas como uma forma, uma poderosa e habilidosa forma de estar no mundo. Eu volto às palavras porque as palavras são minha forma de estar no mundo. Eu volto às palavras porque as palavras são minha forma de estar no mundo, mas o significado da língua como arte é algo infinitamente maior do que as chamadas formas superiores. Aqui

vai um poema que tenta traduzir seis palavras de Hélène Cixous, que escreveu “A risada da Medusa”; ela disse "Je suis là où ça parle”, e eu espremi essas seis palavras como um belo limão e tirei todo o suco que pude, mais uma gota de vodca de Oregon.

Eu estou lá onde
há fala
Onde aquilo fala eu
estou naquele lugar que fala
Onde
aquilo diz
meu ser está
Onde
eu estando lá
é dizer
Eu sou
E assim
estou rindo
em uma orelha de pedra

A orelha de pedra não irá escutar, ela não irá nos ouvir e irá nos culpar por ser de pedra... Mulheres podem balbuciar e tagarelar como macacas selvagens, mas as fazendas e os pomares e os jardins da linguagem, os campos de trigo da arte — os homens os reivindicaram, passaram uma cerca: Não ultrapassar, é o mundo dos homens, eles dizem. E eu digo,

ah, mulher
lembre-se de quem você é
mulher
é a terra inteira

Dizem-nos, com palavras e sem palavras, dizem-nos por sua surdez, por suas orelhas de pedra, que nossa experiência, a experiência de vida das mulheres, não tem valor para os homens — logo, não tem valor para a sociedade, para a humanidade. Nós somos valorizadas pelos homens apenas como um elemento de sua experiência, como coisas experienciadas; qualquer coisa que possamos dizer, qualquer coisa que possamos fazer, é reconhecida apenas se feita ou dita a serviço deles.

Uma coisa que fazemos incontestavelmente é ter bebês. Então temos bebês quando os padres, os legisladores e os médicos nos dizem para tê-los, quando e onde tê-los, com que frequência e como tê-los; para que tudo fique sob controle. Mas não devemos falar sobre ter bebês, porque isso não faz parte da experiência dos homens e, portanto, não tem nada a ver com a realidade, com a civilização, e não diz respeito à arte. — Um grito dilacerante no quarto ao lado. E o príncipe Audrey entra e vê sua pobre esposa morta, dando à luz o seu filho — Ou Levin sai para seus campos e agradece a Deus pelo nascimento de seu filho — E sabemos como Príncipe Audrey se sente e como Levin se sente e até como Deus se sente, mas não sabemos o que aconteceu. Algo aconteceu, algo foi feito, sobre o qual não sabemos nada. Mas o que houve? Mesmo em romances escritos por mulheres, nós estamos apenas começando a descobrir o que acontece no outro quarto — o que as mulheres fazem.

Freud disse a famosa frase "o que jamais saberemos é o que uma mulher quer". Ao nos determos, cuidadosamente, sobre a sintaxe dessa frase, na qual NÓS somos o plural, mas "uma mulher" aparentemente não tem plural, não tem individualidade — como se estivéssemos lendo que uma vaca deve ser ordenhada duas vezes por dia ou que um roedor é um bom bicho de estimação –, NÓS deveríamos então refletir se NÓS sabemos alguma coisa, se NÓS notamos em algum momento, se NÓS alguma vez perguntamos a uma mulher o que ela faz — o que as mulheres fazem.

Muitos antropólogos, alguns historiadores e outros de fato têm feito essa pergunta uns aos outros há alguns anos, com rostos pálidos e

assustados — e eles também estão começando a respondê-la. Mais poder para eles. As ciências sociais nos mostram que os falantes da língua paterna são capazes de entender e discutir os feitos das mães se forem capazes de admitir a validade da língua materna e ouvir o que as mulheres têm a dizer.

Mas, na sociedade como um todo, a mitologia patriarcal sobre o que "uma mulher" faz persiste quase sem exame e molda a vida das mulheres. "O que você vai fazer quando sair da escola?" "Bem, eu, como qualquer outra mulher, acho que quero um lar e uma família" — e tudo bem, mas o que é esse lar e essa família, igual ao das outras mulheres? Papai no trabalho, mamãe em casa, duas crianças comendo torta de maçã? Essa família, que nossa mídia e agora nosso governo declaram ser normal e impõem como normativa, essa família nuclear representa hoje 7% dos arranjos em que as mulheres vivem nos Estados Unidos. Noventa e três por cento das mulheres não vivem dessa forma. Elas não vivem assim. E muitas não escolheriam viver assim mesmo que lhes fosse oferecido com entusiasmo. Aquelas que querem isso, que acreditam que esse é seu único e verdadeiro destino — qual a chance de o alcançarem? Elas estão na estrada para a Casa do Coração Partido. Mas a única alternativa oferecida pela mitologia patriarcal é a da Mulher Fracassada — a solteirona, a mulher estéril, a cadela castradora, a esposa frígida, a sapatona, a feminista, a não feminina tão amada pelos misóginos, tanto homens quanto mulheres.

Mas, de fato, há mulheres que querem ser homens-fêmeas; seu modelo é Margaret Thatcher e elas estão prontas para se vestir para o sucesso, carregar pastas de grife, matar por uma promoção e beber o uísque certo. Elas querem entrar no mundo dos homens, custe o que custar. E, se esse for um desejo verdadeiro, não apenas uma compulsão nascida do medo, tudo bem; se você não pode vencê-los, junte-se a eles. Meu problema com isso é que não consigo achar essa vida boa nem mesmo para os homens, que a inventaram e criaram todas as regras. Há

poder nessa vida, mas não o tipo de poder que eu respeito, não o tipo de poder que liberta alguém. Eu odeio ver uma mulher inteligente se dobrar voluntariamente para chegar embaixo da linha de corte. É como rastejar! E, quando ela fala, o que ela pode falar, senão a língua paterna? Se ela é a porta-voz do mundo dos homens, o que ela tem a dizer em favor de si mesma?

Algumas mulheres conseguem lidar com isso — elas entram no conluio, mas não se vendem como mulheres; e sabemos disso quando elas falam por aqueles que, na língua dos homens, são os outros: mulheres, crianças, pobres... Mas é perigoso vestir as roupas do papai, embora talvez não tão perigoso quanto sentar-se no colo do papai.

Não há como oferecer sua experiência como verdade se você nega sua experiência, se você tenta ser uma criatura mítica, a mulher fantoche que se senta no colo do paizão. A voz de quem sairá daquela mandíbula lindamente articulada? Quem é que diz sim o tempo inteiro? Ah, sim, sim, eu vou. Ah, eu não sei, você decide. Ah, eu não posso fazer isso. Sim, me bata, sim, me estupre, sim, me salve, ah, sim. É assim que Uma Mulher fala, aquela que jamais-saberemos-o-que-uma-mulher-quer.

O lugar de uma Mulher, preciso dizer, é em casa, além de em seu trabalho voluntário ou no emprego em que ela está satisfeita ao receber sessenta centavos para fazer o mesmo que um homem faz por um dólar, mas isso é porque ela está sempre de licença-maternidade. Mas creche? Não! Uma mulher fica em casa cuidando de seus filhos! Mesmo que ela não possa. Presa nessa armadilha muito bem construída, Uma Mulher culpa sua mãe por a ter atraído até essa cilada, enquanto garante que sua própria filha nunca se liberte; ela recua diante da ideia de irmandade e não acredita que mulheres tenham amigas, porque isso provavelmente significa algo antinatural, e, de alguma forma, Uma Mulher tem medo das mulheres. Ela é uma construção masculina, tem medo de que as mulheres consigam desconstruí-la. Ela tem medo de tudo, porque não consegue mudar. Meias-calças sempre finas, cabelos brilhantes e dentes

brilhantes, ela também é a minha mãe, todos os 7% dela. E ela nunca envelhece.

Há mulheres velhas — velhinhas, como as pessoas sempre dizem; pequenos pedaços, fragmentos da grande estátua-fantoche da deusa Uma Mulher. Ninguém escuta se mulheres velhas dizem sim ou não, ninguém paga sessenta centavos para elas, por nada. Os homens velhos comandam as coisas. Os homens velhos comandam o show, eles apertam os botões, fazem as guerras, fazem dinheiro. No mundo dos homens, o mundo dos homens velhos, os homens jovens correm e correm e correm até cair, e algumas mulheres jovens correm com eles. Mas as mulheres velhas vivem nas rachaduras, entre as paredes, como baratas, como ratos, um sussurro, um guincho. É melhor trancar o queijo, rapazes. É terrível, você vira uma esquina da civilização, e ali estão todas essas mulheres velhas correndo pelo lado errado.

Eu digo a vocês, vocês sabem, vocês vão envelhecer. E vocês não me ouvem. Estou guinchando entre as paredes. Eu atravessei o espelho e estou do outro lado, onde as coisas estão ao contrário. Vocês podem olhar com boa vontade e com o coração generoso, mas não conseguem ver nada no espelho além dos seus próprios rostos; e eu, olhando do lado escuro e vendo seus belos rostos jovens, vejo que é assim que deve ser.

Mas, quando vocês se olharem no espelho, eu espero que vocês vejam a si mesmas. Não um dos mitos. Não um homem fracassado — uma pessoa que nunca poderá ser bem-sucedida porque a definição de sucesso é basicamente ser um homem —, não uma deusa fracassada, uma pessoa que tenta desesperadamente se esconder na Mulher fantoche, a imagem do desejo e dos medos dos homens. Espero que vocês desviem o olhar desses mitos e olhem em seus próprios olhos, e vejam suas próprias forças. Vocês vão precisar dela. Espero que vocês não tentem tirar sua força dos homens, ou de um homem. Experiências de segunda mão não se sustentam. Eu espero que vocês agarrem e construam suas próprias almas; que vocês sintam suas vidas por vocês mesmas, dor

por dor, alegria por alegria; que vocês alimentem suas vidas, comam, "comam enquanto caminham" — vocês que nutrem, estejam nutridas! Se ser uma engrenagem na máquina ou uma marionete manipulada por outros não é o que vocês querem, vocês podem descobrir o que querem, as necessidades, os desejos, as verdades, os poderes, ao aceitarem suas próprias experiências como uma mulher, como essa mulher, esse corpo, essa pessoa, seu eu esfomeado. Nos mapas desenhados pelos homens, há uma imensa área branca, uma terra incógnita, onde vive a maioria das mulheres. Esse país é todo seu para explorar, para habitar, para descrever.

Mas nenhuma de nós vive lá sozinha. Ser humano não é algo que as pessoas possam fazer sozinhas; precisamos de outras pessoas para sermos pessoas. Precisamos umas das outras.

Se uma mulher enxerga outras mulheres como Medusas, se tem medo delas, se lhes oferece orelhas de pedra, hoje em dia, todo o seu cabelo pode começar a se eriçar, sibilando, Escute, escute, escute! Escute as outras mulheres, suas irmãs, suas mães, suas avós — se você não as escuta, como poderá entender o que suas filhas lhe dizem?

E os homens que podem falar, conversar com você sem tentar falar com a Mulher-do-Sim fantoche, os homens que conseguem aceitar a validade das suas experiências — quando você encontrar um homem assim, ame-o e honre-o. Mas não o obedeça. Não acredito que temos direito à obediência. Acredito que temos a responsabilidade pela liberdade.

E, especialmente, pela liberdade de expressão. A obediência é silenciosa. Ela não responde. Ela é contida. Um exemplo de mulher desobediente falando, Wendy Rose, do povo Hopi e Miwok, em seu poema chamado "As partes de uma poeta":

partes de mim estão presas
à terra, partes de mim
enfraquecem as canções, partes

de mim se espalham pela água,
partes de mim formam uma ponte
de arco-íris, partes de mim seguem
o calango, partes de mim
são a mulher que julga.

É isto o que eu quero: quero escutar seus julgamentos. Estou cansada do silêncio das mulheres. Quero escutá-las falando todas as línguas, oferecendo sua experiência como sua verdade, como a verdade humana, falando sobre trabalho, sobre fazer, sobre desfazer, sobre comer, sobre cozinhar, sobre alimentar, sobre receber sementes e dar vida, sobre matar, sobre sentir, sobre pensar; sobre o que fazem as mulheres; sobre o que fazem os homens; sobre a guerra e sobre a paz; sobre quem aperta os botões e quais botões são apertados e se apertar botões é, a longo prazo, uma ocupação adequada aos seres humanos. Há tantas coisas sobre as quais quero ouvir vocês falarem.

Isto é o que eu não quero: não quero o que os homens têm. Não me importo de deixar que eles façam seus trabalhos e falem suas falas. Mas não quero e não vou aceitar que eles digam, pensem ou nos digam que o trabalho e o discurso deles é o único adequado aos seres humanos. Não deixemos que eles tirem de nós nosso trabalho, nossas palavras. Se eles puderem, se quiserem, que trabalhem conosco e conversem conosco. Todos nós podemos falar a língua materna, todos nós podemos falar a língua paterna e, juntos, podemos tentar escutar e falar a língua que seja a nossa forma mais verdadeira de estar no mundo, nós que falamos por um mundo que não tem nenhuma palavra senão as nossas. Eu sei que muitos homens e até mesmo algumas mulheres sentem medo e raiva quando as mulheres falam, porque nesta sociedade bárbara, quando mulheres falam verdadeiramente elas falam de forma subversiva — elas não podem evitar: se você está por baixo, se você é mantida embaixo, quando você rompe, você subverte. Nós somos vulcões. Quando nós,

mulheres, oferecemos nossa experiência como nossa verdade, como verdade humana, todos os mapas mudam. Há novas montanhas.

É isto o que eu quero – escutar vocês entrando em erupção. Vocês, jovens vulcões Monte Santa Helena, que não conhecem o poder que há em vocês —, quero escutar vocês. Quero escutar vocês falando entre si e para todos nós: caso estejam escrevendo um artigo ou um poema ou uma carta ou dando uma aula ou conversando com amigos ou lendo um romance ou fazendo um discurso ou propondo uma lei ou dando uma sentença ou cantando para o bebê dormir ou discutindo o destino das nações, eu quero ouvir vocês. Falem com a língua da mulher. Apareçam e nos contem como já é tarde da noite! Não nos deixem afundar novamente no silêncio. Se não contarmos nossa verdade, quem contará? Quem falará por minhas crianças e pelas de vocês?

Então termino com o fim de um poema de Linda Hogan, do povo Chickasaw, chamado "As mulheres falando".

Filhas, as mulheres estão falando
Elas chegam
das sábias distâncias
em pés perfeitos.
Filhas, eu amo vocês.

**Caderno de Leituras n. 170 | 2023**

Nós somos vulcões
*We are vulcanoes*
Ursula K. Le Guin

Edição
Cecília Rocha
Fernanda Regaldo
Maria Carolina Fenati

Tradução
Cacau Araujo

Revisão da tradução
Cecília Rocha

Preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello, Rita Davis

Imagem da capa
Dolores Orange

Coordenação da coleção
Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Acumin Pro e Georgia

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, dezembro de 2023

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em
www.chaodafeira.com